CLUBE GUARANI COMO FORMA DE LUTA E RESISTÊNCIA NO PERÍODO PÓS ABOLIÇÃO

FRANCIÉLE GONÇALVES SOARES[1]
LUCIO MENEZES FERREIRA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – franciellisoares805@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O Clube Guarani está situado no município de Arroio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul. Foi fundado no início do século XX, em razão da segregação racial, que impedia indivíduos negros de frequentar os demais clubes sociais da cidade. Nesse sentido, a instauração da agremiação foi uma oportunidade de lazer, inserção social, fortalecimento e um aliado pelo direito à cidadania da população negra.

Além disso, ao longo de sua trajetória, passou a ser reconhecido pelas festividades e demais momentos de sociabilidade, o que motivou que a associação se destacasse enquanto clube social e conquistasse extremo apreço por parte dos seus sócios e frequentadores. Embora esteja fora das suas atividades formais, o Clube Guarani simboliza ainda contemporaneidade a luta e a resistência contra o preconceito racial, além de configurar um importante território de memória afrodiaspórica, uma vez que, no clube, ocorriam as mais diversas formas de sociabilidade, desde a pomposidade das festas até os momentos de assistência e acolhimento entre os seus.

Vale destacar que este tema vem sendo investigado desde a graduação da autora. E, por intermédio do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, houve a possibilidade de dar continuidade às pesquisas relacionadas ao clube, desta vez com o tema “Memória e identidade: Rainhas do Carnaval do Clube Guarani, Arroio Grande/RS”.

Neste sentido, o objetivo deste resumo é apresentar os resultados da pesquisa que está sendo realizada e que contempla o primeiro capítulo da dissertação da autora, que pretende apontar aspectos teóricos sobre o Clube Guarani, especificando sua contribuição enquanto espaço de resistência negra no período pós abolicionista. Para tanto, foi necessário realizar uma contextualização histórica do município de Arroio Grande enquanto palco de exploração de negros escravizados e retratar o papel dos Clubes Sociais Negros enquanto associações que auxiliaram na inserção social do negro no início do século XX. A elaboração desta parte da pesquisa vem a ser um precedente para melhor compreensão do tema que será aprofundado no capítulo II da pesquisa de dissertação.

2. METODOLOGIA

Utilizou-se a história oral a fim de compreender os significados do Clube Guarani na comunidade representada e coletar informações que não se encontram ainda registradas: “A história oral pode contribuir no sentido de atender as demandas, as realidades e anseios ao registrar a experiência humana” (RIBEIRO, 2011, p. 116). Juntamente foi empregada a abordagem qualitativa. Godoy (1995) relata que a pesquisa qualitativa “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores

a propor trabalhos que explorem novos enfoques" (Godoy, p. 23, 1995). Os objetivos serão definidos como descritivos e explicativos. A pesquisa descritiva: "têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis" (Gil, p.28, 2008). Já a pesquisa explicativa tem objetivo de verificar os fatores que colaboram para que ocorram determinadas situações; ainda segundo o autor, esse tipo de pesquisa "explica a razão, o porquê das coisas" (Gil, p.28, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ARROIO GRANDE E OS VESTÍGIOS DA ESCRAVIDÃO

No extremo sul do Rio Grande do Sul, está localizado o município de Arroio Grande, que de acordo com o IBGE[1] (2022) possui cerca de 17.558 habitantes. Segundo Schroeder (2008), foi no final do século XVIII que na região começou a se formar um povoado, no entanto, o marco para a urbanização do município deu-se em 1812, a partir da doação do terreno para construção de uma capela. Foi então que começou a se formar um pequeno núcleo, que deu origem à cidade.

Em relação a formação étnica, habitualmente costuma-se enfatizar que a única origem predominante do município é açoriana. É inegável a contribuição e participação dos açorianos para a formação histórico-cultural da cidade, contudo, é imprescindível destacar a diversidade étnico-racial e os outros povos que auxiliaram na formação cultural e identitária do arroio-grandense (SCHROEDER, 2008).

Neste caso, vale salientar a proeminência de descendentes de africanos, já que no primeiro século de sua formação, a economia estava diretamente ligada a criação de gado e indústria pastoril, que utilizava sobretudo a exploração da mão-de-obra de negros escravizados (KOSBY, 2011). Uma das evidências que apontam para forte presença da população negra na região foi identificada nos dados apresentados no Censos do RS[2] de 1858 se contabilizarmos os dois distritos, cerca de 40% da população era composta por escravizados.

3.2 CLUBE GUARANI: UM CLUBE SOCIAL NEGRO NO EXTREMO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

Após a abolição da escravatura, em 1888, a população negra viu-se diante de uma nova e árdua realidade, uma vez que, mesmo libertos, continuaram aprisionados em uma sociedade racista e sem acesso a nenhuma política de reparação histórica, o que acabou causando impactos negativos em relação a sua condição socioeconômica. É nesse cenário que os africanos e seus descendentes travaram uma luta pelo direito à cidadania e inserção social e o associativismo foi um importante aliado nesse processo.

Nesse sentido, o final do século XIX e início do século XX são marcados pela instauração de associações de luta e resistência, especialmente os Clubes Sociais Negros. Como é o caso do Clube Guarani, fundado no dia 26 de fevereiro de 1920 a partir da organização política e social de famílias negras arroio-grandenses, tornando-se, desde então, um símbolo do associativismo negro no município, já

[1] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

[2] Fundação de Economia e Estatística De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul-Censos do RS 1303-1950. Porto Alegre, 1981.

que sua fundação expressa a exclusão dos negros de determinados locais, especialmente dos clubes sociais.

Conforme os antigos frequentadores, existia intensa união e harmonia entre os membros, que formavam uma verdadeira família; para além das atividades festivas, mantinham relações intrínsecas, de convivência diária em suas residências ou em atribuições extras na sede do clube. Quando os antigos sócios se referem ao Clube Guarani como uma família, não é apenas força de expressão, já que Kosby (2011), ao construir um gráfico de parentesco, concluiu que os núcleos familiares compostos por negros em Arroio Grande possuem relações consanguíneas umas com as outras em diferentes momentos e graus, tornando-os literalmente ligados por laços familiares.

Após mais de 80 anos sobrevivendo e resistindo às dificuldades financeiras, o clube foi fechado em 2006, devido a denúncias de vizinhos que alegavam importunação em decorrência da movimentação de pessoas e o som alto. Sem a possibilidade de adquirir uma estrutura acústica a sede acabou fechando. Em 2011, é instalado na sede o Ponto de Cultura Axé Raízes, subsidiado pela FURG[3] até 2017. Posteriormente, sem receber verbas, o Ponto de Cultura promove atividades somente de forma pontual.

3.3 OS CLUBES SOCIAIS NEGROS COMO FORMA DE LUTA E RESISTÊNCIA NEGRA

De acordo com Silva (2018, p.124), “as associações eram lugares responsáveis pela positivação da imagem do grupo negro, pois vale lembrar que no pós-abolição o Brasil foi palco de discussões que, através de critérios de raça, inferiorizavam este segmento”. Isso demonstra que a instauração desses clubes era uma oportunidade de mostrarem-se capazes de se organizarem socialmente, na busca por afastar os estereótipos pejorativos relacionados à negritude.

No entanto, Escobar (2010 p. 58) evidencia que os Clubes Sociais Negros extrapolaram questões de sociabilidade e lazer, mas também eram lugares onde a população negra encontrava suporte social, educacional e político: “tinham como objetivo angariar fundos para o pagamento da liberdade dos trabalhadores negros escravizados, auxiliar nas despesas do funeral, defesa de direitos e na educação de seus associados”.

Já em relação à situação desses espaços na contemporaneidade Lima e Al-Alam (2018, p.185) enfatizam que muitos clubes “resistem e enfrentam, hoje, problemas como a desarticulação, falta de verbas, a precariedade das sedes, a perda de seu patrimônio cultural, o abandono e o descaso por parte do Estado”. Os autores relatam alguns fatores que corroboram para o esquecimento e apagamento dos Clubes Sociais Negros.

4. CONCLUSÕES

Através desses aspectos, pode-se concluir que os Clubes Sociais Negros foram importantes espaços de inserção social e amparo político e educacional da comunidade negra. Na atualidade, simbolizam lugares de memórias, que através dos bailes, as festas e outros eventos promoviam sociabilidades, trocas e estreitamento de relações.

[3] Universidade Federal do Rio Grande.

No caso do Clube Guarani, a associação compõe um importante território da população negra durante o século XX, relembrado com afago pelos seus sócios e antigos frequentadores, e atualmente é considerado um espaço de memória, símbolo de uma história que transcende suas paredes, portas fechadas e o vazio dos salões. É nesse sentido que estudos relacionados ao associativismo negro tem como intuito evitar ou amenizar o apagamento das memórias afrodiaspóricas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros:** lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 221 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa:** família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa:** tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, p. 20-29, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/arroio-grande.html> Acesso em: 24 de maio de 2023.

KOSBY, Marília. **O Clube Guarani:** raça, família e parentesco em uma entidade afro-cultural do extremo sul do Brasil. Revista Encuentros Latinoamericanos, segunda época. Vol. III, Nº 2, julho/dezembro, 2011. p. 01-12.

LIMA, Andréa; AL-ALAM, Caiuá. Clube 24 de agosto: patrimônio cultural e protagonismo negro: a ameaça de perda da sede e o tombamento histórico do clube social 24 de agosto. In: AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara Teixeira (org.). **Clube 24 de Agosto**: 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira brasil-uruguai. Jaguarão: Ilu, 2018.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **História oral brasileira:** trajetória e perspectivas. Revista de Teoria da História, Goiás, p. 108-121, 06 dez. 2011.

SCHRODER, Victor Faria. **A produção do espaço**: geografia histórica da cidade de arroio grande. Arroio Grande: 2008. 124 p.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pósabolição:** imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do brasil - 1913-1980. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Cap. 4.